

Instinto e Preconceito

Nada melhor para entender um determinado assunto, do que se aprofundar no que é em si, buscar conhecer os seus fundamentos e suas razões. Falar de preconceito com propriedade requer conhecimento, em princípio, do que significa a palavra e suas vertentes.

Desta forma falemos sobre conceito e depois de preconceito, pois para entender as razões de um é necessário entender o outro, e a influência do instinto na formação de ambos.

Segundo os dicionários disponíveis, conceito está relacionado a uma **ideia** ou **noção** geral sobre alguma coisa, pode ser descrito também como uma **definição** ou **sentido** sobre. E para finalizar conceito pode ser uma **entidade psíquica abstrata e universal** que serve para **designar uma categoria ou classe de entidades eventos ou relações**.

Assim sendo **conceito**, generalizando, é um ideal traçado por um conjunto de fatores (regras ou parâmetros) aceitos pela maioria (universal), como verdadeiro (seja bom ou ruim). Como exemplo de conceito podemos citar a aceitação do que é bem ou bom e do que é mal e mau, embora haja divergências de cultura para cultura. O que pode ser o bem para uns pode ser visto como mal para outros. Desta forma temos que nos ater a questão de entendimento grupal ou social de um povo ou raça.

Entendido o que é conceito, resta-nos partir para o **preconceito**, que segundo as regras morfológicas é formado pelo sufixo pré + conceito. O **pré** é utilizado quando se entende por **antes** ou que acontece com **antecedência**.

Então preconceito, grosso modo, é uma ideia ou razão que acontece antes do conceito formado a partir de razões, atos e ações testadas e ordenadas com ponderação; ou ainda uma conceituação formada apressadamente e sem embasamento, real e necessário, que a justifique.

Recentemente, estudiosos e cientistas ligados aos assuntos relacionados a genética (transmissão de características biológicas) descobriram que não apenas as características físicas são transmitidas através das gerações, mas também as características afetivo/emocionais. Desta forma uma das muitas razões (e talvez a mais forte) para o enraizamento do preconceito é a herança afetiva.

Batizada de memória epigenética, este novo fator tem ajudado a elucidar as causas do preconceito generalizado e sem razões palpáveis de grupos ou, quiçá, populações inteiras. Resta entender que este tipo de memória, em cada indivíduo, foi construída a partir das experiências de seus antepassados e agregadas a construção deste novo ser.

Junte-se a isto outra pesquisa, bem mais recente, que trás a luz um novo dado: pessoas de baixo QI, em média, são mais propensas ao preconceito. A razão, é que obedecer normas, mesmo que ultrapassadas, e manter-se dentro de um padrão de comportamento pré-estabelecido é mais confortável do que se jogar em causas novas. O medo do novo e a incapacidade racionalização própria e de não saber lidar com as consequências oriundas de escolhas feitas de forma solo, induz à adesão ao preconceito estabelecido como forma de autoproteção.

Podemos citar como exemplo o preconceito relacionado às pessoas com deficiência, que teve como uma de suas primeiras causas, um comportamento de “defesa” da raça humana ainda na pré-história.

Nesta fase da evolução humana, o indivíduo enquanto nômade, não fixava residência, não sabia cultivar ou criar animais para o abate e consumo. Como viviam em constante movimento, e sendo caçadores e também caçados, precisavam de boa compleição física para correr de seus possíveis predadores, ou atrás da caça, seu sustento.

Como o homem envelhecia, adoecia e sofria acidentes, ou havia o nascimento de bebês já com alguma deficiência, o que ocorria então é que estas pessoas tornavam-se um estorvo à necessidade de movimento, e assim se tornavam um perigo para todos. Como resultado eram simplesmente deixados para trás, guiados pelo instinto de sobrevivência dos remanescentes do grupo.

O “deixar para trás” tornou-se um paradigma formado a partir de um conhecimento empírico, uma “saída” que deu certo. Assim o homem incapaz de se locomover pelas próprias pernas, fosse qual fosse o motivo, era um problema cuja solução era o exílio do grupo, o expurgo social.

Vivendo no terceiro milênio o homem, pretensamente sábio e racional, ainda trás encerrado em si o preconceito estabelecido há milênios, sem se dar conta da impropriedade dele e de que estando vivendo uma era com tanta tecnologia e informação, não existem mais razões que justifiquem este tipo de preconceito. Entende-se que aí entra a questão do baixo QI. Falta o raciocínio e percepção lógica para perceber as mudanças que tomaram conta do mundo civilizado. Ou quem sabe, raciocinar dói?

A mesma coisa podemos dizer sobre os demais preconceitos. Há que se estudar e aprofundar em suas razões para desmitificá-los e podermos então viver em uma sociedade justa e igualitária no direito de todos.

Moral da história: precisamos educar nossos instintos, mudar nossos conceitos e encerrar de vez com nossos preconceitos, através de uma educação continuada e mente aberta, sem medo de ser feliz.

Mkelly

29/10/2014